

Como diria Nietzsche, pensar é (antes de tudo) uma atividade criativa

*Fernanda Machado de Bulhões**

Resumo: Encontramos em escritos de juventude póstumos de Nietzsche uma reflexão sobre a formação da linguagem, sobre a formação do pensamento. Segundo o jovem filósofo-filólogo, o pensamento racional, lógico, dedutivo, surge a partir de imagens, metáforas, metonímias. Todo discurso reconhecido como “científico” parte da imaginação, que é uma atividade poética, artística e ilógica.

Palavras-chave: Imagem, Conceito, Imaginação, Razão, Arte e ciência.

Abstract: We find in the posthumous writings of the young Nietzsche a reflection on the formation of language, on the formation of thought. According to the young philosopher-philologist, the rational, logical, deductive thought arises from images, metaphors, metonymy. All speech known as “scientific” starts from the imagination, that is a poetic, artistic, and illogic activity.

Keywords: Image, Concept, Imagination, Reason, Art and science.

Analisando os escritos póstumos de Nietzsche, de 1872 a 1875, podemos deduzir que para o jovem filósofo-filólogo existem dois modos de pensar: por imagens e por conceitos. O primeiro, através da imaginação, o segundo, da razão. Imaginar é ver semelhanças entre as imagens, como fazem os poetas. Raciocinar é ver relações de causalidade entre os conceitos, como fazem os cientistas. São dois modos de pensar - imaginar e raciocinar -, mas entre eles não há uma distinção radical, já que todo pensamento nasce das imagens, nasce das “primeiras metáforas”. Conforme o professor de filologia, a gênese da linguagem racional, lógica, não ocorre logicamente¹. Diz ele: “ao conceito corresponde primeiro a imagem,

* Professora do Departamento de Filosofia da UFRN. *E-mail:* fernandabulhoes@hotmail.com. Artigo recebido em 30.09.2007, aprovado em 19.12.2007.

¹ Nietzsche, F. “Introdução teórica sobre verdade e mentira no sentido extramoral”. Usaremos a sigla VM para indicar esse escrito póstumo de 1873.

as imagens são pensamentos originais”². A linguagem “tem em si um elemento ilógico, a metáfora ..., ela é, portanto, um efeito de imaginação”³. Por isso, o discurso por mais coerente, estruturado, “científico”, que seja, surge depois do pensamento por imagens.

A imaginação consiste em *ver rapidamente as semelhanças*. A seguir a reflexão avalia conceito por conceito e verifica. A *semelhança* deve ser substituída pela *causalidade*⁴.

ao pensar já se deve ter o que se procura, graças à imaginação – a reflexão só pode julgar a seguir⁵.

Quer dizer, para Nietzsche, a primeira forma de organizar o pensamento é através da imaginação. Em outras palavras, pensar é, antes de tudo, imaginar, a razão “vem a seguir”, se vier. A imaginação (*Phantasia*) é definida por ele como um “poder estranho e ilógico”⁶, uma “dupla força artística” que cria e associa imagens: “existe uma dupla força artística: a que gera as imagens e a que as escolhe”⁷. Vale dizer que em alemão existem algumas palavras que significam “imaginação” (*Einbildung*, *Einbildungskraft*, *Vorstellung*), mas o termo frequentemente usado por Nietzsche é *Phantasia* que é o mesmo usado pelos antigos gregos. De modo geral, significa faculdade de produzir imagens. Imaginar é tornar visível, é fazer aparecer, é estabelecer contornos, linhas, correlações, sentidos, conexões, sendo que essa “produção imaginativa” tem a tendência a se e criar novas relações e, assim, multiplicar as imagens, criando ininterruptamente novas configurações.

Pensar é um discernir. Há muito mais seqüências de imagens no cérebro que as que são utilizadas para pensar: o intelecto escolhe rapidamente as

²Nietzsche, F. “O último filósofo. Considerações sobre o conflito entre arte e conhecimento” (outono-inverno de 1872). F. UF, in LF, § 54, p. 16. Usaremos a sigla UF para indicar esse escrito póstumo de 1872.

³VM.

⁴UF, § 54, p. 16.

⁵*Ibidem*, § 60, p. 19.

⁶Nietzsche. *A filosofia na época trágica dos gregos*. § III. Usaremos a sigla FETG para indicar esse escrito póstumo de 1873.

⁷UF, § 63, p. 20, 21.

imagens semelhantes, a imagem escolhida produz de novo uma profusão de imagens: mas depressa o intelecto escolhe de novo uma imagem entre estas e assim ininterruptamente. O pensamento consciente nada mais é que uma escolha entre as representações. Há um longo caminho até à abstração⁸.

No pensamento por imagens também o darwinismo tem razão: a imagem mais forte destrói as imagens de pouca importância⁹.

Nietzsche destaca o papel fundamental da imaginação no processo que forma a linguagem, pois ela é a força artística que cria os “pensamentos originais”. É a matriz a partir da qual se desenvolve todo pensamento, inclusive o pensamento dedutivo, silogístico, matemático, que pretende ser exato. Para Nietzsche, as palavras mais simples, *mãe*, por exemplo, como as mais complexas teorias, *Big-bang* (um exemplo que em sua época ainda não existia), são igualmente metáforas criadas pela imaginação. Todo pensamento por mais lógico e racional que seja é, mesmo sem querer, resultado de um processo artístico: “há algo de artista nesta produção de formas por meio das quais alguma coisa entra na memória”¹⁰; “o pensamento contém grandezas artísticas”¹¹. Kátia Muricy, em seu artigo *A arte do estilo*, assinala o fato de que, aos olhos de Nietzsche, a relação entre o homem e a linguagem é, primordialmente, uma “relação estética” e não de conhecimento.

A relação primordial do homem com a linguagem é a de sujeição da criação artística (*subjekt künstlerisch schaffendes*) e não a de sujeito da relação cognitiva com o objeto. A relação primordial deste sujeito com a linguagem é, portanto, uma relação estética (*ein ästhetische Verhalten*). (...) Este é o processo de formação da linguagem: deslocamentos de uma esfera para outra não segundo uma gênese lógica, mas ao arbítrio ficcional das criações metafóricas. Não há uma relação de causalidade entre o sujeito e o objeto, mas uma relação estética inteiramente lingüística que é, na definição de Nietzsche, “uma transposição

⁸ *Ibidem*, § 63, p. 20.

⁹ *Ibidem*, § 67, p. 23.

¹⁰ *Ibidem*, § 64, p. 21.

¹¹ *Ibidem*, § 55, p. 17.

insinuante, uma tradução balbuciante em uma língua completamente estrangeira”¹².

As imagens e os conceitos são igualmente metáforas que não falam da essência das coisas. As imagens são “metáforas intuitivas” que falam do que é individual e sem igual e os conceitos são metáforas que falam do que é abstrato e universal. Embora não exista uma linguagem mais verdadeira do que a outra, Nietzsche valoriza mais a linguagem poética do que o discurso científico, valoriza mais o pensamento por imagens do que o pensamento por conceitos. Por quê? Por que Nietzsche desqualifica a produção conceitual em nome da produção poética? Por que (muitas vezes, mas nem todas) ele denigre o conceito e o define como uma metáfora gasta, descolorida, fria, “sepulcro das intuições”? Em outras palavras, por que Nietzsche valoriza mais a imaginação do que a razão?

Imaginando uma resposta de Nietzsche a essa questão, poderíamos dizer: porque a imaginação dá asas ao pensamento enquanto a razão dá peso ao pensamento. Imaginar é deixar fluir o pensamento, é ver rapidamente as semelhanças e os contrastes entre as coisas; raciocinar é pensar de acordo com princípios lógicos, de modo que partindo de determinadas premissas chega-se, necessariamente, a determinadas conclusões. Nesse caso, as semelhanças são transformadas em causalidade, o pensamento leve e veloz dá lugar a um mais vagaroso e pesado. Segundo Nietzsche, a diferença entre imaginar e raciocinar é a mesma que existe entre arte e ciência: enquanto a arte dá espaço para criar arranjos inéditos, estimulando a criatividade, o pensamento racional-científico exige explicação, coerência e demonstração. O reino da imaginação é o das infinitas possibilidades, o da razão é o das poucas (supostas) certezas; diferenciam-se pelo grau de liberdade, criatividade e leveza.

¹² Muricy, Kátia. “A arte do estilo”. In *Assim falou Nietzsche III. Para uma filosofia do futuro*, 2001. p. 86–87.

Se a linguagem na sua forma primordial é metáfora, metonímea, é ficção, transposição, deslocamento, então, conforme a perspectiva nietzschiana, não há como fundamentar um conhecimento verdadeiro. A razão não pode ser o fundamento da verdade científica já que ela não se fundamenta em si própria. Seu fundamento está na dimensão das imagens que, por sua vez, são metáforas dos estímulos nervosos. Como, para Nietzsche, todo discurso supõe “deslocamentos de uma esfera para outra não segundo uma gênese lógica”, como nos disse Muricy, não existe distinção entre um discurso verdadeiro e um outro falso, não existe diferença entre conhecimento (*epistême*) e opinião (*dóxa*), pois não há um critério absoluto que possa realizar essa distinção. Se assim é, então a natureza da linguagem não é, portanto, dizer a verdade das coisas. Segundo o jovem filólogo-filósofo, o que Aristóteles definiu como retórica é a própria característica fundamental da linguagem. Diz ele em seu escrito póstumo *Curso sobre a retórica*:

a linguagem ela mesma é o resultado de artes puramente retóricas. A força (Kraft) que Aristóteles chama de retórica, que é a força de deslindar e fazer valer, para cada coisa, o que é eficaz e impressiona, essa força é ao mesmo tempo a essência da linguagem: esta reporta-se tão pouco à essência das coisas, quanto a retórica ao verdadeiro¹³.

Nietzsche compreende a imaginação como sendo o “impulso fundamental do homem que não se pode deixar de levar em conta nem por um instante, porque com isso o homem mesmo não seria levado em conta”¹⁴. Por isso - porque considera que a tendência natural do homem é em direção à aparência, à ilusão, discordando de Aristóteles que acreditava

¹³ Nietzsche, *Curso sobre a retórica*, in *Da retórica*, 1995. Esses Cursos foram proferidos por Nietzsche entre 1872 e 1874.

¹⁴ VM.

que o homem era conduzido por um “honesto e puro impulso à verdade” – Nietzsche valoriza tanto esse “poder estranho e ilógico” que é a imaginação. Para ele, o homem é, primordialmente, um ser poético, cuja natureza é criar e associar imagens, palavras, sentidos, mundos e, também, conceitos.

Portanto, a interpretação nietzschiana sobre a formação da linguagem aponta para o seu caráter retórico, ilógico, arbitrário, antropológico e, principalmente, poético. É preciso deixar claro que Nietzsche não vê nenhum problema nesse caráter retórico, ilógico, arbitrário, antropológico e, principalmente, poético da linguagem (e também do conhecimento). Ao contrário, o considera admirável. O homem, espantosamente, cria de si mesmo - como a aranha tira de si mesma a sua teia – metáforas e metonímias que, associadas, formam redes de pensamento, teias de significados. Ele cria “uma construção como que de fios de aranha, tão tênue a ponto de ser carregada pelas ondas, tão firmes a ponto de não ser despedaçada pelo sopro de cada vento”¹⁵. Nietzsche reconhece a importância das grandiosas construções do homem, pois nestes edifícios conceituais ele pode se abrigar e se proteger. No entanto, ele faz questão de salientar que estas construções teóricas que estruturam e organizam a vida humana são criações poéticas, são teias que surgem do próprio homem, são criaturas imaginárias. E é a partir dessas criaturas que se desenvolve o pensamento lógico, racional, científico. Ora, se o discurso da ciência é resultado de um processo artístico ele não é capaz de fundamentar um conhecimento verdadeiro já que ele é uma construção cujos pilares são metáforas. Isto é: a esfera da razão não é autônoma, não existe independente da esfera da imaginação.

¹⁵ *Ibidem.*

Nietzsche alerta: as palavras não levam às coisas. A linguagem não é o lugar onde se encontram as verdades do mundo, é o lugar onde se encontram imagens do mundo, e imagens de imagens, conceitos de conceitos:

Através de palavras e conceitos nós não chegamos jamais a penetrar a muralha das relações, nem mesmo a algum fabuloso fundamento originário das coisas... nós não ganhamos nada que se assemelhe a uma *veritas aeterna*. É incondicionalmente impossível, para o sujeito, querer conhecer e ver algo acima de si mesmo; tão impossível que conhecimento e ser são, de todas as esferas, as mais contraditórias¹⁶.

As palavras não revelam as coisas. As palavras são palavras e as coisas são coisas, mas (devido à crença na linguagem) os homens confundem as palavras com as coisas. Como nos fala Nietzsche: “o conceito ‘lápis’ é confundido com a coisa ‘lápis’”¹⁷. Normalmente, o homem acredita que o mundo é tal como ele o vê, acredita que as coisas são como ele as percebe. Na contramão dessa crença metafísica, Nietzsche defende a idéia de que todo conhecimento começa com o conceito e este surge da associação entre metáforas, resulta de um processo artístico, ilógico e arbitrário; “com ele (o conceito) começa o nosso conhecimento: pela *denominação*, pelos *gêneros* que estabelecemos. Mas a isto não corresponde a essência das coisas”¹⁸. O conhecimento cria metáforas para falar do mundo. “Tempo, espaço e causalidade não são mais que *metáforas* do conhecimento pelas quais nós explicamos as coisas¹⁹”. Enfim, para Nietzsche, o pensamento racional, lógico, dedutivo, o conhecimento científico, deriva de uma produção criativa, artística, inerente do homem. Pensar,

¹⁶ FETG, § IX.

¹⁷ UF, § 152, p. 51.

¹⁸ *Ibidem*, § 150, p. 50.

¹⁹ *Ibidem*, § 140, p. 45.

conhecer, é criar e associar imagens, palavras, nomes, conceitos, sentidos. É brincar de dar nome às coisas, é brincar de estabelecer identidades, diferenças, classificações. Através das “metáforas do conhecimento”, o homem brinca de ser homem.

Referências

NIETZSCHE, Friedrich. “A filosofia na época trágica dos gregos”. (1873). Trad. Rubens Torres Filho. In *Os Pensadores*, volume *Os Pré-socráticos*. São Paulo: Ed. Abril S.A, 1973.

_____. “O último filósofo. Considerações sobre o conflito entre arte e conhecimento” (outono-inverno de 1872). Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. In *O livro do filósofo*. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. “Introdução teórica sobre verdade e mentira no sentido extra-moral” (verão de 1873). Trad. de Rubens Torres Filho. In *Os Pensadores*, volume *Nietzsche*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. “Curso sobre a retórica”. In *Da retórica*. Trad. de Tito Cardoso e Cunha, Coleção Passagens. Lisboa: Editora Veja, 1995.

MURICY, Kátia. “A arte do estilo”. In *Assim falou Nietzsche III. Para uma filosofia do futuro*. Org.: Charles Feitosa, Marco Antonio Casanova, Miguel Angel de Barrenechea, Rosa Dias. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.